

A TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES MORAIS PELA PERSONAGEM TYLER DURDEN EM *CLUBE DA LUTA* DE CHUCK PALAHNIUK

THE TRANSVALORATION OF MORAL VALUES TO CHARACTER TYLER DURDEN IN *WORK FIGHT CLUB* OF CHUCK PALAHNIUK

Diane Nascimento de OLIVEIRA*
(UNEB)

Thiago Martins PRADO**
(UNEB)

Resumo: O romance *Clube da luta*, de Chuck Palahniuk promove muitas discussões que põe em xeque a moral prestigiada. A partir disso, o objetivo da pesquisa é compreender a superação da moral padrão pela personagem Tyler Durden. Fundamentando esse trabalho, são utilizados os seguintes teóricos: Friedrich Nietzsche (2002 e 2013), Gilles Lipovetsky (2005), Hakim Bey (2001) e Thiago Martins Prado (2016). Em *A genealogia da moral e Para além do bem e do mal*, Nietzsche ressalta a necessidade de discutir a construção dos valores morais e a intenção desses valores. Lipovetsky analisa, em *A sociedade pós-moralista*, o modo como, na sociedade hipermoderna, há o abandono da cultura moralista em prol das ambições particulares. Bey, em *TAZ: zona autônoma temporária*, apresenta discussões sobre organizações de agrupamentos autônomos, alternativos às cenas da lógica do mercado. Prado, em *Discussão sobre a cultura e a política econômica dos Estados Unidos em Condenada*, de Chuck Palahniuk, comenta a narrativa de Palahniuk como uma crítica alegórica à política econômica contemporânea comandada pelas corporações bancárias. As conclusões apontam para a superação da moral imperativa por Tyler Durden através de um questionamento nietzschiano da moral, criação ou revisão desses valores através de uma transvaloração à maneira de Hakim Bey.

Palavras-chave: *Clube da luta*; Crítica à moral padrão; Tyler Durden.

Abstract: Chuck Palahniuk's novel *Fight Club* (1996) promotes many arguments that call into question the prestigious morality. From this, the aim of the research is to understand the overcoming of standard morality by the character Tyler Durden. Based on this work, the following theoretical works used were in *Zur Genealogie der Moral* (1887) and *Jenseits von Gut Böse* (1886). Nietzsche emphasizes the need to discuss the construction of moral values and the intention of these values. Lipovetsky analyzes in *Le Crépuscule du Devoir* (1992) that the way in hypermodern society

* Graduada do Curso de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e suas Literaturas, da Universidade do Estado da Bahia – Campus XXIII/Seabra-BA. E-mail: dianen18oliveira@hotmail.com.

** Doutor em Letras e Professor Adjunto do Curso de Letras da Universidade do Estado da Bahia – Campus XXIII/Seabra-BA e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – Campus I/Salvador-BA. E-mail: minotico@yahoo.com.br.

there is the abandonment of moralistic culture in favour of particular ambitions. Bey, in *T.A.Z.: the Temporary Autonomous Zone* (1980) presents discussions about organizations of autonomous groupings, alternative to the scenes of the logic of the market. Prado in *Discussão sobre a cultura e a política econômica dos Estados Unidos em Condenada*, de Chuck Palahniuk (2016) comment on US culture and economic policy in *Doomed* (2011). The conclusions point to the overcoming of imperative morality by Tyler Durden through a Nietzschean questioning of morality, creation or revision of these values through a transvaluation in the manner of Hakim Bey.

Keywords: Fight Club; Critical Standard Moral; Tyler Durden.

Introdução

O romance *Clube da luta*, de Chuck Palahniuk, publicado pela primeira vez em 1996, é uma das obras mais importantes do autor e um escrito com um grande teor crítico, abordando temas como a violência, a automutilação, críticas ao consumismo, enfim, temas que põem em cheque os valores morais consagrados. É em meio a essa realidade que surge Tyler Durden, uma criação imaginária do narrador-personagem, alterego que materializa a tensão sobre a moral padrão.

Foi a partir desta conjuntura que veio a maior indagação acerca do romance *Clube da luta*, que recaiu sobre a personagem Tyler Durden: como acontece a superação da moral padrão pelo alterego Tyler Durden no romance *Clube da luta*? Essa problemática permeará as discussões deste artigo na tentativa de responder essa questão.

Com isso, a hipótese que norteará esta pesquisa é a de que a personagem Tyler Durden supera a moral padrão propondo e realizando novas valorizações, postas acima das que até então eram habituais. Podemos considerar essa personagem como alguém que tensiona a moral imperativa herdada da modernidade ou a ética consumista do mundo contemporâneo por transvalorar¹ todos os valores consagrados, por negar as valorizações absolutas que o tornaram escravo, pois todos os valores são montados socialmente, não possuindo um valor próprio. Essa transvaloração em Tyler proporciona-lhe poder, vigor, aumento de sua potência.

Admitindo-se essa hipótese, utilizam-se os seguintes teóricos para fundamentar esta pesquisa: Friedrich Nietzsche (2002 e 2013), Gilles Lipovetsky (2005), Hakim Bey (2001) e Thiago Martins Prado (2016). Em *A genealogia da moral* e *Para além do bem e do mal*, o filósofo alemão Friedrich Nietzsche problematiza e questiona a moral tida como padrão, sendo essa originada por influências de um poder dominante – desse modo, a moral consagrada não possui um valor próprio, seria apenas uma máscara, que enaltece a dominação e escraviza os homens – negando-lhes o poder dos seus desejos. Sendo assim, ao problematizar e questionar os valores consagrados, Nietzsche contribuirá para a compreensão da tensão e da crítica que Tyler

¹ Segundo Nietzsche (2004), em *O anticristo*, transvaloração é “[...] a tentativa empreendida com todos os meios, todos os instintos, com todo o gênio, para dar a vitória aos valores contrários, aos valores *nobres*” (NIETZSCHE, 2004, p. 105).

Durden promove à moral padrão. Gilles Lipovetsky estuda, em *A sociedade pós-moralista* uma moral que se estabelece nas sociedades hipermodernas, que se diferencia da moral imperativa questionada por Nietzsche, em que há o abandono dessa cultura moralista em favor da felicidade individual, das ambições particulares. Com isso, a moral estudada por Lipovetsky será confrontada com a moral liberta de Tyler, pois a primeira ainda provoca uma escravidão contemporânea porque está estreitamente ligada ao mercado consumista, diferentemente da segunda. Já Hakim Bey, na obra *TAZ: zona autônoma temporária* trata de estratégias libertárias de combate que confrontam o Estado por meio de organizações de agrupamentos autônomos que funcionam como uma alternativa às sociedades que se estruturam de formas hierarquizadas. Nesse sentido, os processos de formação dos clubes da luta por Tyler pode ser considerados zonas autônomas temporárias e as estratégias libertárias propostas por Bey são encontradas nesses grupos. Thiago Martins Prado, em *Discussão sobre a cultura e a política econômica dos Estados Unidos em Condenada*, de Chuck Palahniuk, explana sobre a política econômica contemporânea comandada pelas corporações bancárias como um estudo da alegoria na narrativa de Palahniuk. Esse estudo de Prado orientará a compreensão do modo como está estruturada a crítica ao capitalismo promovida pelo alterego do narrador-personagem.

Nessa perspectiva, a relevância desta pesquisa, embasada no romance *Clube da luta*, reside nas possibilidades de, através da literatura, realizar novas interpretações e análises acerca dos estudos sobre a moral e compreender melhor os questionamentos aos valores morais prestigiados, entendendo as relações hierárquicas que a rodeiam. Além disso, os vários estudos de que *Clube da luta* é alvo validam ainda mais a importância desta pesquisa (somente no Portal de Periódicos CAPES são encontrados 268 estudos para buscas em língua portuguesa e 81.635 para consultas em língua inglesa que se relacionam ao romance, tendo como temáticas recorrentes, em muitos desses, o anticapitalismo, a violência, a sociedade contemporânea etc., além de pesquisas que se debruçam sobre a adaptação fílmica dessa obra – de mesmo nome – dirigida por David Fincher) que pode vir a contribuir para um conhecimento mais amplo e profundo da obra e das transvalorações contemporâneas, como confronto às estruturas de poder, bem como à lógica mercadológica.

A superação da moral padrão pela personagem Tyler Durden

Tyler Durden surge em um momento em que a vida de comodismos no trabalho, o consumismo desenfreado, os grupos de apoio para curar as insônias já não eram satisfatórios e não faziam mais sentido para o narrador-personagem de *Clube da luta*. Não é suficiente apenas comprar coisas porque “as coisas que costumavam ser suas agora mandam em você” (PALAHNIUK, 2012, p. 50); não é suficiente ter um emprego estável como coordenador de

campanhas de recall: “estou me esforçando para construir uma carreira de lavador de pratos” (PALAHNIUK, 2012, p. 33); até os grupos de apoio que costumavam funcionar como antídotos contra suas insônias não surtiem mais efeito após a entrada de Marla nos mesmos: “Esta é a única coisa real em minha vida e você (Marla) está estragando tudo” (PALAHNIUK, 2012, p. 25).

A personagem que narra o romance “conheceu” Tyler, seu alterego, em uma praia de nudismo. O alterego estava criando, com troncos de árvores, uma sombra gigante de uma mão que ficou perfeita por um minuto. Essa imagem já traz possibilidades para a compreensão da personagem Tyler Durden: primeiro, tendo como simbologia a praia de nudismo, essa personagem se livra da primeira conveniência social, que promove ordem (as roupas²); do mesmo modo, os troncos de árvore³ representam a fertilidade e, por último, a mão representa a construção⁴. Ou seja, essa cena do primeiro “encontro” do narrador personagem e seu alterego prenuncia a fertilidade de uma nova forma de viver. Nesse momento, o alterego mostra para o narrador-personagem que um minuto é o suficiente e o máximo que se pode esperar da perfeição; durante aquele pequeno momento – em que foi empregado muito tempo e energia – nada mais importa. Além disso, Tyler deixa evidente que esse instante de prazer que é possível construir/proporcionar a si mesmo vale todo o esforço empreendido.

Desde esse momento, o narrador-personagem reconhece Tyler Durden como alguém que era e fazia tudo o que ele não conseguiria ser nem fazer sozinho – desapegar-se dos bens materiais, ter força física, coragem, razões para ir à academia, enfim, sentir-se vivo por meio de seu poder. Somente Tyler poderia levá-lo ao fundo do poço para, assim, poder salvá-lo de sua vida medíocre, por meio da destruição, da agressão, da transvaloração da moral padrão. Um dos passos para sua ida ao fundo do poço pode ser encontrado na passagem em que o mecânico do clube da luta, dirigindo na contramão e várias vezes prestes a bater em outros carros, indaga ao narrador-personagem sobre o que ele desejaria ter feito antes de morrer. Sob a efetiva proximidade da morte nessa situação, ele diz que seu desejo era sair do emprego antes de morrer. Sua vontade, que antes era velada, agora é trazida às claras frente ao cenário de quase-morte.

A busca insaciável da personagem que narra o romance pelo fundo do poço, ou seja, pelo crescimento através da destruição, pode ser compreendido como fruto de uma das mais conhecidas máximas de Nietzsche. No aforismo oito da obra *Crepúsculo dos ídolos* (2000), o filósofo alemão declara que “O que não me faz morrer me torna mais forte” (NIETZSCHE, 2000, p. 18). É a partir dessa mesma perspectiva, que o narrador-personagem afirma: “Quanto mais fundo você descer, mais alto voará” (PALAHNIUK, 2012, p. 176). Esse ato simbólico de ir ao fundo do poço, justifica-se pela necessidade de, a partir do caos e do sentimento de vingança que os unia, destruir sua vida insignificante – sem perspectivas para além do consumismo

² As vestes, segundo Lexikon (2009, p. 204), simbolizam “o ajustamento e a posição social”. Em contrapartida, a nudez, para Chevalier e Greerbrant (2005, p. 645), refere-se ainda a “[...] uma espécie de retorno ao estado primordial [...] a abolição do hiato entre o homem e mundo que o cerca”.

³ Conforme Chevalier e Greerbrant (2005, p. 84), a árvore é “símbolo da vida, em perpétua evolução”, além de simbolizar, ainda conforme esses autores, a morte e a regeneração: aspectos da evolução cósmica.

⁴ Para Chevalier e Greerbrant (2005, p. 592), a mão é “[...] um símbolo da ação diferenciadora”; Lexikon (2009, p. 134) a analisa como sendo o “símbolo da atividade e do poder”. Já Lurker (1993), além de identificar a mão também como um símbolo de poder, explica que ela, para fazer as obras externas, é o órgão mais importante do homem.

desenfreado, um “[...] escravo do instinto de transformar o lar em um ninho” (PALAHNIUK, 2012, p. 49) – e depois reconstruí-la, de outro modo, alicerçada em seus próprios princípios que aumentaria sua potência. Em vista disso, o narrador-personagem sabia que no momento em que disse que queria sair do emprego estava dando, automaticamente, permissão para seu alterego matar o chefe, matando o chefe ele destruía a fonte que insuflou seu consumismo desenfreado, bem como toda a opressão moralizadora que cerceou sua autonomia.

O próximo ato de Tyler que impactará a vida do narrador-personagem do romance é a criação do clube da luta. Conforme o narrador-personagem, “O primeiro clube da luta foi apenas Tyler e eu trocando socos” (PALAHNIUK, 2012, p. 58). O clube da luta é o marco divisor na vida do narrador-personagem: ele não mais voltará a ser o que era antes das lutas, o clube é quase uma personificação da imagem de seu alterego. Ainda segundo o narrador-personagem:

O clube da luta não é como futebol americano na televisão. Você não está assistindo a um bando de homens que não conhece e que estão em alguma parte do mundo batendo uns nos outros ao vivo [...] Depois de ter estado em um clube da luta, assistir ao futebol americano é como assistir a um filme pornô quando poderia estar transando de verdade e loucamente (PALAHNIUK, 2012, p. 59).

O clube da luta, segundo essa descrição, é o local onde reside o prazer da vida dos lutadores, e Tyler acaba se tornando, mesmo sem ser seu objetivo, um “modelo” para esses homens que estavam oprimidos pelo sistema do mesmo modo que o narrador-personagem estava. Como dito no trecho acima, não é apenas um bando de homens que não de conhecem batendo uns nos outros; há a necessidade de esses homens encontrarem algo (poder) e algum lugar em que as mesmas frustrações sejam sentidas e que, de alguma forma, sejam resolvidas, um novo modo de sociedade (mesmo que paralela à sociedade em que eles estão imersos quando não estão no clube da luta). O clube da luta torna-se esse abrigo contra a sociedade moralista e hipócrita, o local onde ocorre a transvaloração, objetivo que precisa ser alcançado para o aumento da potência dos participantes do clube da luta.

Na concepção de Nietzsche, em *O anticristo* (2004), o aumento dessa potência pelo indivíduo não poderá nascer da fraqueza, portanto do mau. Ao contrário, a potência está intrinsecamente ligada a “Tudo aquilo que desperta no homem o sentimento de poder, a vontade de poder, o próprio poder” (NIETZSCHE, 2004, p. 39), isto é, ao que é bom. Ou seja, com o trabalho de coordenador de campanha de recall, o narrador-personagem não aumentava sua potência – apesar de sempre rezar para que o avião caísse, ele não fazia nada de efetivo para sanar as insatisfações com a vida que levava; sua vontade ainda era sufocada pela fraqueza, ainda era escravo do

consumismo e dos sistemas valorativos consagrados. Entretanto, quando seu alterego “surge”, sua vontade de potência passa a ser exteriorizada como força – ele termina por não de desejar mais um acidente de avião e começa, por meio de seu alterego, a transvalorar, criar estratégias libertárias através do clube da luta, um agrupamento autônomo.

Nesse contexto de transvaloração, a destruição das ideologias do capitalismo torna-se palavra-chave para Tyler. Dessa forma, esta personagem realiza tanto a destruição das ideias consumistas que simbolizam esse sistema econômico – de maneira coletiva, em prol do aumento da potência do clube – quanto a destruição de bens materiais e da própria estética corporal. Com isso, agredir ou permitir-se à agressão é também destruir as referências de consumo e de gosto socioestético – o agressor e o agredido, portanto, permitem inscrever seu protesto no próprio corpo como a demarcação de um prazer e de um valor próximo de culto estético e ritual, mais autônomos e menos dependentes das cobranças ou das aceitações conservadas nos padrões sociais.

Diante disso, confrontando o modo coletivo pelo qual a personagem Tyler Durden supera e transvalora a moral dos bons costumes, é interessante abordar Gilles Lipovetsky. Na obra *A sociedade pós-moralista*, ao pesquisar sobre a sociedade pós-moralista, Lipovetsky analisa o modo como, na sociedade hipermoderna, há o abandono da cultura moralista em prol das ambições particulares, da felicidade individual, do consumismo. Essa moral que Lipovetsky estuda é diferente da moral padrão, da moral imperativa, do “tu deves”, todavia ela ainda não é uma moral tal qual a de Tyler (uma moral liberta que dá poder), pois está associada à escravidão contemporânea – os gostos e o consumo são controlados pelo mercado e não pelos indivíduos aprisionados nas redes do feliz consumo. Ilustrando isso, Lipovetsky (2005) argumenta que:

A civilização do bem-estar consumista foi a grande responsável pelo fim da gloriosa ideologia do dever. Ao longo da segunda metade do século XX, a lógica do consumo de massa alterou o universo das prescrições moralizadoras e erradicou os imperativos coativos, engendrando uma cultura em que a felicidade se sobrepõe à ordem moral, os prazeres à proibição, a fascinação ao dever (LIPOVETSKY, 2005, p. 29).

Com isso, em Lipovetsky, tem-se a moral atrelada ao capitalismo, ao “bem-estar” consumista e individual e em Tyler há a transvaloração vinda por meio da destruição das ideologias capitalistas, da própria estética corporal, acontecendo por meio de um coletivo que busca poder, diferentemente da moral estudada por Lipovetsky. É preciso observar que, na concepção de Tyler, o consumismo egocêntrico, os desejos particulares não levam à elevação do poder individual, mas à anulação desse poder e ao controle das vontades, que surgem disfarçadas pelas sedução do mercado. Ou seja,

é uma moral, que no campo da liberdade individual, se entregou ao mercado (o prazer vem do consumo). É nessa perspectiva que Lipovsky diz que a moral que triunfa na sociedade hipermoderna é indolor: “[...] última fase da cultura individualista democrática, desvinculada, em sua lógica mais profunda, tanto das conotações de moralidade como de imoralidade” (LIPOVETSKY, 2005, p. 27).

Ao contrário disso, Tyler consegue a superação da moral e um sentimento de independência do consumo justamente porque a potência do indivíduo só pode ser elevada em meio a um grupo que fortaleça os princípios de elogio à liberdade e do prazer em rechaçar a opressão da moral padrão e a exploração do mercado (o que os une é o sentimento de vingança contra essas opressões e explorações). Ilustrando essa relação do grupo por meio da qual está edificada a transvaloração de Tyler, temos: “Você vê um cara vir aqui pela primeira vez e a bunda dele parece uma massa de pão branco. Quando o vê aqui seis meses depois, ele parece esculpido em madeira maciça. Esse cara acredita que pode lidar com qualquer coisa.” (PALAHNIUK, 2012, p. 60-61).

Essa vida pautada em ir para além dos valores morais prestigiados faz-se fundamental para o alterego do narrador-personagem porque significa romper com formas de controle hierarquizadas. É nessa conjuntura que se faz imprescindível o estudo de Friedrich Nietzsche. Conforme Nietzsche, em *A genealogia da moral*, “necessitamos de uma crítica dos valores morais e, antes de tudo, torna-se necessário discutir o valor dos valores” (NIETZSCHE, 2013, p. 26). Para esse filósofo, essa crítica é primordial porque esses valores morais não são de ordem natural. Ao contrário, as concepções do que é bom ou ruim, do que é correto ou incorreto, do que se deve ou não fazer, surgiram por influências de interesses de um poder dominante, por parte de uma classe que se considera superior para expandir e estabelecer seu domínio sobre outra classe considerada inferior.

Com essas problematizações da moral, Nietzsche, em *Para além do bem e do mal*, questiona a moral consagrada como padrão, evidenciando que a construção desta é verticalizada, tendo por base a religião, a cultura e a filosofia ocidental – ou seja, é apenas uma máscara. Assim, já no prefácio, Nietzsche argumenta que:

Entretanto a luta contra Platão ou para me tornar mais compreensivelmente e falar para o povo, a luta contra a opressão cristiano-eclesiástica exercida desde há milhares de anos – porque o cristianismo é platonismo para o “povo” – criou na Europa uma maravilhosa tensão de espírito que nunca havia existido antes na terra. Com um arco tão tenso é possível atirar agora aos alvos mais longínquos (NIETZSCHE, 2002, p. 31).

De tal modo, ao mesmo tempo em que Nietzsche critica a moral padrão, ele prenuncia uma reviravolta nesses valores através dos “espíritos livres”

que, transvalorizando, “invertam os ‘valores eternos’” (NIETZSCHE, 2002, p. 117). À vista dessas considerações nietzschianas, ao abdicar de uma vida financeiramente cômoda, renunciando aos princípios morais que antes lhes eram caros, o narrador-personagem de *Clube da luta* passa a avaliar seu consumismo desenfreado de forma diferente e os valores morais que tiravam sua autonomia. De modo igual, o seu alterego torna-se um revisor e criador de valores que, normalmente, costumam opor-se aos valores consagrados.

Após compreender como age a moral de Tyler, é necessário entender como o clube da luta é formado, como esse se articula, já que é um dos resultados dos questionamentos e da transvaloração da moral imperativa pelo alterego do narrador-personagem. Nesse sentido, Hakim Bey traz discussões muito pertinentes ao discorrer sobre as TAZs (Zonas Autônomas Temporárias). Segundo Bey, a TAZ é um modo de transvaloração contemporânea que ocorre por meio de estratégias libertárias de combate que confronta o Estado de uma forma indireta.

A TAZ é uma espécie de rebelião que não confronta o Estado diretamente, uma operação de guerrilha que libera uma área (de terra, de tempo, de imaginação) e se dissolve para se re-fazer em outro lugar e outro momento, antes que o Estado possa esmagá-la (BEY, 2001, p. 17).

O clube da luta criado por Tyler pode ser considerado uma TAZ, pois é uma estratégia libertária que luta contra a estabilidade do poder e contra a formação de hierarquias exploratórias fazendo-se existir por meio da invisibilidade (seu pressuposto e sua tática de guerra). Essa invisibilidade da TAZ faz-se presente no romance de Palahniuk, principalmente, na primeira regra do clube da luta: “A primeira regra do clube da luta é que você não fala sobre o clube da luta” (PALAHNIUK, 2012, p. 56). Dessa maneira, os integrantes do clube da luta utilizam a invisibilidade que a sociedade legou a eles como uma arte marcial que trabalhará em seu favor, ou seja, já que eles não eram vistos, nada os impedia de atacar e sabotar a indústria de serviços e a moral consagrada. Além da primeira regra do clube da luta, essa invisibilidade também serve, por exemplo, nas sabotagens que Tyler faz como projecionista (emendando pornografia nos filmes infantis) ou nos restaurantes ou festas onde os participantes do clube da luta trabalham como garçons – masturbar nos pratos de sopa dos restaurantes, peidar no carrinho das sobremesas, mudar a posição dos alimentos no prato para esse passar-se por novo, etc. Pode-se ilustrar uma dessas sabotagens no trecho abaixo:

Os gigantes mandam as coisas de volta para a cozinha sem qualquer motivo. Eles só querem ver você correndo para lá e para cá por causa do dinheiro deles. Em um jantar como este, uma festa com bufê, eles sabem que a gorjeta já está incluída na conta, então o tratam como lixo. Nós não levamos nada de volta para a cozinha. Mude as *pommes parasienhe* e os *asperges*

hollandaise de posição um pouco no prato e sirva para outra pessoa e pronto, de repente está tudo bom de novo (PALAHNIUK, 2012, p. 96).

Como forma de terrorismo à indústria de serviços, esse novo modo de sociedade paralela que o clube da luta tornou-se ataca os fregueses dos restaurantes e festas luxuosas por esses representarem as hipocrisias morais que existem por meio do mando dos mais ricos e da obediência dos mais pobres.

Compreendendo a TAZ também como um agrupamento autônomo, que recusa as hierarquias, assim como Bey (2001) explana, é pertinente a renúncia de Tyler à liderança do clube da luta. Quando o clube da luta já está com mais integrantes, já realiza mais ações de sabotagem e Tyler começa a ser visto como um líder, um chefe a ser seguido e obedecido, o alterego do narrador-personagem cria a oitava regra do clube da luta. Assim:

Ele diz que a nova regra é que ninguém deve ser o centro do clube da luta. Ninguém é o centro da luta a não ser os dois homens lutando [...] Os homens ali reunidos ficarão olhando para os outros homens no círculo enquanto o centro ficará vazio (PALAHNIUK, 2012, p. 177).

Essa recusa à liderança é importante porque, segundo Bey (2001), quando a rebelião dá certo, quando ela consegue derrubar os mandos contra os quais lutavam, ela pode vir a se tornar um novo parâmetro para a exploração. Em outras palavras, Tyler não podia se tornar o que tanto ele buscava destruir.

Bey (2007) utiliza também o termo *terrorismo poético* (deslocando a subversão para o âmbito da arte, do choque estético) para se referir às estratégias libertárias de confronto e combate às instituições detentoras de poder. Para isso, “Os Terroristas-Poéticos comportam-se como um trapaceiro totalmente confiante cujo objetivo não é dinheiro, mas transformação” (BEY, 2007, p. 7). Essa transformação em que Bey insiste é a mesma que Tyler propõe e denomina de ações de sacrifícios humanos. Essa expressão utilizada por Tyler refere-se às operações que, sob ameaça de morte, obrigavam homens, que também tinham suas vontades sufocadas pela fraqueza, a entender que são muito mais que a imagem da mediocridade a que são levadas a aceitar passivamente, como se não houvesse outras possibilidades para suas vidas. Demonstrando isso, em uma passagem do romance o narrador-personagem enfatiza que: “[...] prefiro matá-lo a vê-lo trabalhando em um emprego de merda ganhando dinheiro suficiente apenas para comprar queijo e ver televisão” (PALAHNIUK, 2012, p. 193).

Os sacrifícios humanos explanados acima são uma das tarefas de casa do Projeto Desordem e Destruição, segunda etapa do clube da luta. Essa operação criada por Tyler diferencia-se de outros sacrifícios humanos porque objetiva o caos (no caos promovido por esse projeto a vida não tem

sentido porque quem cria sentido é a ordem) e não a ordem desses sujeitos (através das normas a vida de cada indivíduo é apenas mais um tijolo do muro da estabilidade). É nesse momento em que os integrantes desse projeto começam a se organizar em grupos para fazer ataques públicos. O narrador-personagem explica que quando Tyler inventou o Projeto Desordem e Destruição ele tinha por meta “[...] ensinar cada homem no projeto que ele tinha poder para controlar a história. Nós, cada um de nós, pode controlar o mundo” (PALAHNIUK, 2012, p. 152), não importando se isso fosse ou não ferir outras pessoas. O Projeto Desordem e Destruição dividia suas ações em comissões, a saber: Comissão de Desordem, Comissão de Incêndios, Comissão de Ataque e Comissão de Desinformação. Em suma, o caos começa a se organizar, a anarquia a se burocratizar – toda noite da semana uma comissão diferente se reúne para planejar os ataques públicos, criar e dividir as “tarefas de casa” a serem executadas por todos.

Dessa maneira, novamente, o que está em questão é uma mudança mútua. O clube da luta e Tyler não são um fim em si mesmo. Eles pretendem transformar a si e o seu entorno em busca do aumento de sua potência, utilizando todos os meios que forem possíveis para tal – até a ameaça de morte, quando necessário. Se essa mudança não se der pela coletividade, para Bey (2007), o Terrorismo-Poético falhou.

O clube da luta, como os enclaves piratas que Bey (2001) descreve, é um lugar de elogio à liberdade. Bey (2001) argumenta, igualmente, que esses enclaves ocuparam espaços vazios do mapa, ou seja, não estavam às vistas da cartografia do controle, do Estado que inibe e reprime a liberdade. Assim, desde o primeiro clube da luta (sem regras, para recreação – apenas o narrador-personagem e seu alterego) até os clubes da luta com mais participantes (com regras, todos os fins de semana), esses grupos autônomos, invisivelmente, agem pela liberdade. Os confrontos indiretos ao Estado e às estruturas ideológicas da hegemonia econômica inevitavelmente ocorrem na TAZ. A institucionalização da política, ainda segundo Bey (2001), cerceia a autonomia do indivíduo e faz o círculo vicioso da economia do consumismo desenfreado girar, alienando pessoas com uma ideia de felicidade que as obriga a encherem as casas de coisas que nunca precisarão.

Nessa perspectiva, comentando a narrativa de Palahniuk como uma crítica alegórica à política econômica contemporânea comandada pelas corporações bancárias, Thiago Martins Prado (2016, p. 504), em *Discussão sobre a cultura e a política econômica dos Estados Unidos em “Condenada”, de Chuck Palahniuk*, argumenta que boa parcela da sociedade estadunidense “[...] disfarça um modelo exploratório global sob o elogio mais cínico ao desenvolvimento corporativo atrelado a uma concepção mercadológica de cidadania”. Desse modo, as pessoas, por alienação midiática e pressão do mercado consumista, tornam-se escravas dos bens que têm e dos bens que acham que precisam ter. Ilustrando

isso, o narrador-personagem comenta que: “As pessoas que conheço que costumavam ir ao banheiro e levar pornografia agora se sentam na privada com um catálogo de móveis da IKEA” (PALAHNIUK, 2012, p. 49). Ou seja, o indivíduo é enredado no consumismo de tal forma que em nenhum momento consegue se desvencilhar dele.

Partilhando das ideias de Prado no que tange ao controle exercido pelas corporações por meio da alienação midiática, Joel Bakan (2008), em *A corporação: busca patológica por lucro e poder*, visualiza uma patologia por trás dessa busca descontrolada e desenfreada da corporação por lucro e poder e afirma que: “Hoje em dia, as corporações governam nossas vidas. Determinam o que comemos, a que assistimos, o que vestimos, onde trabalhamos e o que fazemos. Estamos inevitavelmente cercados por sua cultura, por sua iconografia e ideologia” (BAKAN, 2008, p. 05). A partir disso, ao romper com sua vida antiga – antes de Tyler – o narrador-personagem rompe também com a lógica que as corporações buscam incutir nos indivíduos, procurando atacá-la de diversas maneiras.

Acrescentando a essa conjuntura da corporação apresentada por Bakan, Prado (2016) ressalta ainda que: “Nesse sistema de consumo, as pessoas precisam ser consideradas veículos para a produção de mais capital em que o desejo humano reduz-se ao sinônimo da sua demanda como comprador” (PRADO, 2016, p. 510). Ou melhor, é sabotando essa lógica capitalista, mais uma vez, que Tyler, para fazer sabão, utiliza banha – sugada das coxas mais ricas e gordas do mundo – encontrada no lixo hospitalar. Sobre isso, o narrador-personagem explana:

Nossa meta são os grandes sacos vermelhos de banha lipoaspirada que levaremos de volta para a Paper street e ferveremos e misturaremos com soda cáustica e alecrim e revenderemos para as mesmas pessoas que pagam para sugá-las do corpo. A vinte pratas cada barra, são as únicas pessoas que têm dinheiro para comprar (PALAHNIUK, 2012, p. 187-188).

Dessa maneira, Tyler se insere na lógica capitalista para sabotá-la: vender caro um produto que as pessoas pagaram para retirar de seus corpos em prol da ditadura da beleza. Justificando isso, Tyler argumenta que o primeiro sabão foi fruto das banhas advindas dos sacrifícios humanos nos morros, acima dos rios. Assim, essas mortes nesses sacrifícios não foram em vão, pois possibilitaram a descoberta desse higienizador. Com essa sabotagem à indústria de serviços, Tyler acaba utilizando o sabão como metáfora para uma limpeza da humanidade – lavando dessa as hipocrisias e cinismos das ideologias capitalistas, corporativas e moralistas que insistem em perpetuar, funcionando da mesma forma que os sacrifícios humanos para os lavadores de roupa dos rios abaixo dos morros por onde a banha escorria.

Conclusão

Assim, na tentativa de responder a indagação sobre como acontece a superação da moral padrão pela personagem Tyler Durden, chega-se à conclusão que esse alterego ultrapassa-a por meio de um questionamento nietzschiano da moral e da criação ou da revisão desses valores de maneira coletiva através de uma transvaloração à maneira de Hakim Bey. Ao confrontar as tentativas hegemônicas de uniformizar a moral, o clube da luta também esclarece os vetores da hegemonização como forças opressivas e possibilita a entrada de morais reprimidas – que ora rivalizam, sem sucesso, com o padrão moral, mas que juntas inauguram uma nova dinâmica de poder que torna seus participantes mais transformadores de seus próprios destinos. Essa transvaloração ocorre por meio de estratégias libertárias de combate que confronta o Estado, o mercado e as relações hierárquicas que os atravessam.

Desse modo, quando Tyler explode o apartamento do narrador-personagem, ele está questionando e “detonando” também as ideologias do consumismo desenfreado que estavam impregnadas nesse. Já o orgulho das cicatrizes revisa o apreço à “perfeição” corporal, ao culto à ditadura da beleza que é quase inalcançável, mas é colocada como protótipo pelo sistema de ideias mercadológicas. Da mesma forma, quando cria as regras do clube da luta, Tyler está criando novos valores, transvalorando e aumentando a sua potência e a do grupo, pois o alterego compreende que somente juntos o sentimento de vingança que todos têm contra as estruturas de poder verticalizado é fortalecido.

A recusa à liderança do clube da luta por Tyler também é algo bem característico da TAZ - sendo essas experiências comunitárias descentralizadas –, pois vai contra os modelos de revolução que, quando dão certo, se tornam um novo parâmetro para a exploração, não passando de um ciclo vicioso. Aqui, juntamente com a descentralização, a invisibilidade atua como uma tática de guerra que mantém essas zonas autônomas distantes do reconhecimento e das relações de definição do Estado, ou seja, desaparecem, retiram-se das áreas de simulação, como propõe Bey (2001).

Sendo assim, a criação do clube da luta, a maior estratégia libertária de Tyler, vai contra todas as hierarquias de mando, pois é uma nova forma de sociedade autônoma ao mesmo tempo em que é um núcleo de resistência aos valores hegemônicos, procurando livrar-seda opressão do Estado e do mercado capitalista que inibe a liberdade igualando-a aos bens de consumo, como argumenta Prado (2016). Em resposta a essas imposições, o clube da luta sabotagem a indústria de serviços empregando os próprios meios que ela utiliza para existir. Como exemplos, podem ser citados: a venda de sabonete por um alto preço atrai pessoas ricas – consumistas em potencial – independentemente de qual meio foi usado para se fazer esse produto; mudança da posição dos alimentos no prato para esses se passarem por novos – porque

os ricos, devido ao seu dinheiro, veem os garçons como lixo; emenda de pornografia nos filmes infantis – ninguém a vê, mas ela está lá. A sabotagem do alterego do narrador-personagem vai além de só recusar a moral imperativa e, em contrapartida, aliar-se ao mercado, como é o caso da moral estudada por Lipovetsky (2005), ela questiona, revisa e cria novos valores – desvencilhando da moral consagrada e da lógica capitalista.

Com isso, o bem e o mal, o certo e o errado, em Tyler não ocupam os lugares que lhes foram destinados pela moral dos bons costumes, ao contrário, eles rompem com essa dicotomia platônica por meio da transvaloração nietzschiana. A violência, a automutilação, o terrorismo aqui são poéticos, tal como Bey (2007) já apresentou.

Referências

BAKAN, Joel. **A corporação**: busca patológica por lucro e poder. Trad. Camila Werner. São Paulo: Novo Conceito Editora, 2008.

BEY, Hakim. **TAZ**: zona autônoma temporária. Trad. Patrícia Decia e Renato Rezende. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.

BEY, Hakim et al. Terrorismo poético (TP). In.: _____. **Caos; terrorismo poético e outros crimes exemplares**. Trad. Patrícia Decia e Renato Rezende. 2007. Disponível em: <<http://catarse.co.nr/hakimbey/>>. Acesso em: 30 out. 2016.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Trad. Vera da Costa e Silva. 19. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

LEXIKON, Herder. **Dicionário de símbolos**. Trad. Erlon José Paschoal. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade pós-moralista**: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos. Trad. Armando Braio Ara. Barueri: Manole, 2005.

LURKER, Manfred. **Dicionário de figuras e símbolos bíblicos**. Trad. João Rezende da Costa. São Paulo: Paulus, 1993.

NIETZSCHE, Friedrich. **A genealogia da moral**. Trad. Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2013.

_____. **Crepúsculo dos ídolos**. Trad. Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2000.

_____. **O anticristo**. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2004.

_____. **Para além do bem e do mal**: prelúdio a uma filosofia do futuro. Trad. Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2002.

PALAHNIUK, Chuck. **Clube da luta**. Trad. Cassius Medauar. São Paulo: LeYa, 2012.

PRADO, Thiago Martins. Discussão sobre a cultura e a política econômica dos Estados Unidos em *Condenada*, de Chuck Palahniuk. **Remate de males**, Campinas, n. 36.2, p. 503-521, jun./dez. 2016.

Recebido em maio /2017.

Aceito em dezembro/2017.